

Fred Cuny

CHAMAVAM-NO “Guarda solitário de assistência e socorro”, e pela reputação eu sabia que ele aliviara o sofrimento em mais de 40 desastres – terremotos na Guatemala e Armênia, guerras civis no Sri Lanka e no Líbano. Mas quando

me sentei em frente a Fred Cuny no bar de uma base aérea no sudeste da Turquia, ele me deu a impressão de ser o sujeito mais arrogante que já conhecera.

Era abril de 1991. Como embaixador americano na Turquia, eu passara as quatro semanas anterior-



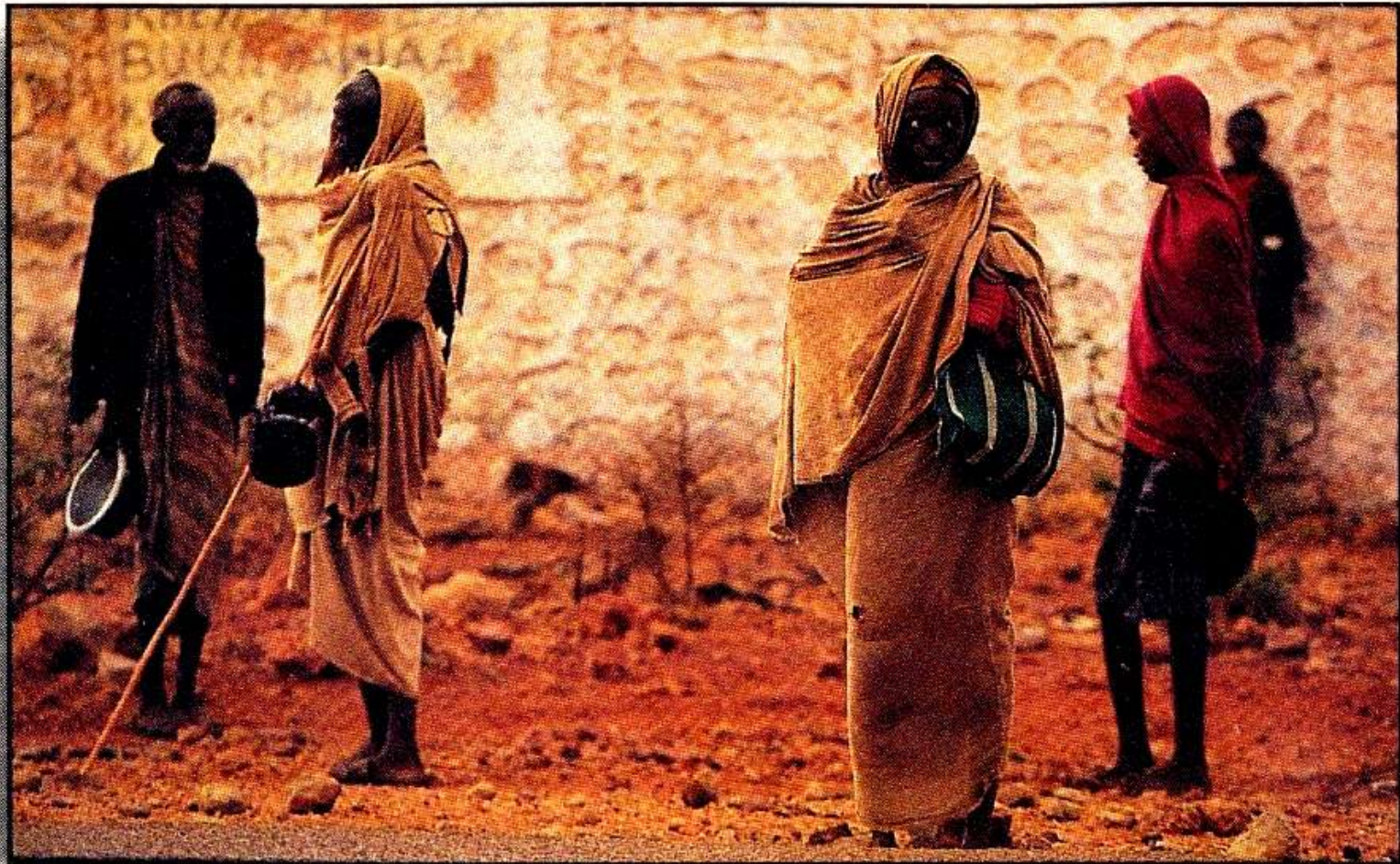
Fred Cuny: primeiro a criar um sistema de distribuição de água na arrasada Sarajevo



Ele ajudou a salvar milhões de vidas
e revolucionou a assistência a tragédias

O homem que fazia diferença

MORTON I. ABRAMOWITZ



1969 Na província de Biafra, Nigéria, Fred percebeu os problemas de organização das agências de assistência: o leite em pó distribuído provocava diarreia nas crianças e o purê de batatas em pó era confundido com sabão

res ajudando a coordenar a *Operation provide comfort*, um esforço dos EUA para remover centenas de milhares dos 400 mil refugiados curdos isolados na montanhosa fronteira Turquia-Iraque após a Guerra do Golfo. Fred chegara do Kuwait apenas dois dias antes, e o que propôs pareceu impossível – retornar os curdos a suas vilas em dois meses.

Ninguém achava que os curdos pudessem ser restabelecidos em tão curto tempo. Alguns analistas diziam que levaria um ano ou mais. Fred afirmava que a demora só os tornaria mais dependentes de donativos. “Leve-os de volta às cidades e vilas, e eles terão todo o incentivo para reconstruir a vida”, insistia. Depois de duas horas com o incansável Fred, concordei.

Trabalhando com as forças armadas aliadas e dos EUA, Fred pôs o plano em ação. Adulou, blefou e intimidou as autoridades iraquianas locais para que não impedissem o retorno dos curdos e convenceu os líderes das vilas curdas de que a volta era segura. Dois meses depois, conforme previra, a população curda estava reinstalada.

FRED IMPRESSIONAVA os que o conheciam. Era um dínamo de 113 quilos, orgulhoso de ser texano, voraz na paixão por churrasco e aviões. Momento decisivo em sua vida foi quando, estudante no sul do Texas, viu a miséria pela primeira vez numa viagem à fronteira mexicana. Em 1965, atingido por um carro, fraturou a per-

na e teve de inserir um pino de aço. Estava no programa de treinamento da Marinha no Texas, e pretendia tornar-se piloto de combate. O acidente acabou com o sonho e ele foi transferido para a Universidade em Kingsville, fronteira com o México, onde estudou planejamento urbano, desenvolvimento econômico e ciência política, cursos que por fim o mergulhariam numa das maiores tragédias de refugiados do século 20.

Em 1969, a província de Biafra, Nigéria, atravessava brutal guerra civil e carestia que matavam milhares a cada semana. Fred ofereceu-se para levar suprimentos a bordo de decrépitos DC-4s e DC-6s. Logo descobriu que nenhuma das agências de assistência sabia como organizar de maneira eficiente os campos de refugiados.

Fred perguntava por que distribuir leite em pó, se aumentava a diarreia infantil? Por que distribuir purê de batatas instantâneo sem instruções para pessoas que pensavam ser sabão em pó? A criação de centros de distribuição de comida atraía mais pessoas do campo, exacerbando os problemas sanitários e de alimentação. Por que não – sugeriu – fazer um rodízio, e concentrar-se nos mercados rurais em restauração? Ele estava bem à frente de seu tempo, e era visto pelos responsáveis pelo programa como um *cowboy* falastrão de 24 anos.

Quando voltou ao Texas, Fred estava determinado a mudar e a revolucionar o campo de trabalho assistencial. Em 1971, fundou uma empresa de consultoria com sede em Dallas que seria o veículo para suas idéias – a In-

tertect Relief and Reconstruction Corp. Decidiu-se por uma abordagem com fins lucrativos, pois achou que os governos e as organizações assistenciais ouviriam os conselhos com menos atenção se fossem gratuitos.

Nos primeiros anos, a consultoria mal deu lucro. Algumas vezes sobrevivia graças ao trabalho de Fred como piloto pulverizador de plantações.

Engenharia da assistência

QUANDO UM TERREMOTO sacudiu a Guatemala em 1976, deixando mais de um milhão sem teto e aproximadamente 23 mil mortos, a Intertect foi contratada para um projeto de reconstrução. Fred rapidamente apontou os principais problemas estruturais, e um deles referia-se às casas das regiões montanhosas da Guatemala construídas com portas que abriam para dentro. Quando os telhados caíram, as portas não puderam ser abertas, aprisionando as pessoas no interior das casas. Fred desenvolveu um manual amplamente distribuído, ilustrando 22 idéias do tipo “faça você mesmo” para aumentar a segurança das casas: portas que abriam para fora, inovações como apoios para paredes, baratos, mas resistentes. Muitas das idéias estão em uso ainda hoje em toda a América Central.

No final dos anos 80, Fred era famoso não apenas por reduzir a burocracia, mas por *enterrá-la* de vez. Ouvira dizer que era um *cowboy* com desdém pelas reações tradicionais, lembra Julia Taft, que chefiava a Organização Americana de Socorro e Assistência a Desastres no Exterior. En-



1988 *No terremoto na Armênia, Fred utilizou lençol plástico para envolver e proteger os animais na zona rural. A população dependia da sobrevivência deles para não morrer de fome quando a primavera chegasse*

tão, quando um terremoto devastou a Armênia em dezembro de 1988, Taft contratou Fred para acompanhar a equipe de 35 membros.

Logo após a chegada, na primeira manhã em Leninakan (hoje Kumayri), segunda maior cidade da Armênia, Fred organizou 100 membros do grupo local de jovens comunistas para distribuir chapéus e luvas usados na remoção de escombros e busca das vítimas.

Muitos armênios das áreas rurais dormiam ao relento, no frio terrível, para que seus valiosos animais pudessem usar as casas danificadas. Fred teve idéia melhor: usar o lençol plástico fornecido pela agência como material isolante para proteger os animais.

A menos que os animais sobrevi-

vessem ao inverno – disse Fred a Taft –, os armênios, que dependiam deles, morreriam de fome quando a primavera chegasse. Mais uma vez Fred enxergou a longo prazo com clareza, afirma Taft. Era realmente um gênio.

Durante a crise de refugiados no Sudão, em 1985, centenas de milhares de etiópios famintos encheram uma dúzia de campos de refugiados. Um dos maiores passou a perder 100 pessoas por dia quando a cólera se alastrou a partir da água contaminada do rio.

Fred assumiu. Comandou um comboio de caminhões de combustível, limpou-os para transportar água, e implantou um sistema para clorar a água dentro de tanques, enquanto era levada para o campo. Logo, o sistema de Fred

eliminou a cólera e reduziu substancialmente o índice de mortalidade.

Salvando Sarajevo

AS CONDIÇÕES ERAM horríveis na sitiada capital bósnia, Sarajevo, quando Fred chegou em janeiro de 1993 para administrar os projetos assistenciais financiados pela Fundação George Soros. Os sérvios haviam cortado a água e a luz da cidade. Toda semana homens, mulheres e crianças era mortos ou mutilados por armas de corte ou de fogo, enquanto lutavam para encher baldes de água e encontrar lenha.

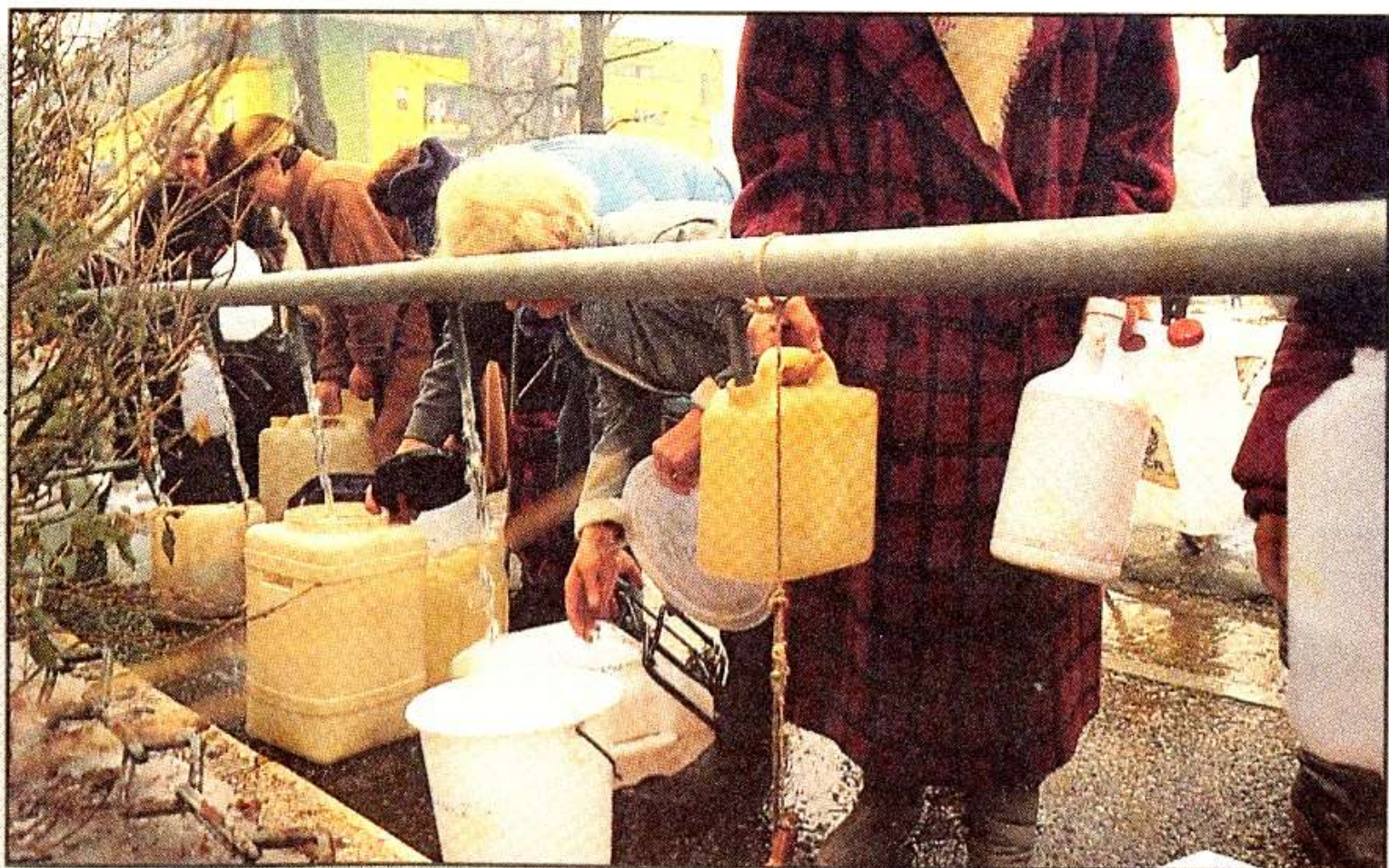
Após consultar engenheiros, historiadores e mapas, Fred observou que dois rios que cortavam a cidade po-

diam ser usados como fonte de água. Ele localizara uma antiga rede de canais no subsolo, ligados a um reservatório. Determinou que o sistema podia ser utilizado novamente, mas o rio poluído precisaria ser limpo. Sistemas de tratamento de água teriam de ser projetados, levados à dizimada Sarajevo, e depois montados sob a mira da artilharia sérvia.

Damir Lulo, engenheiro bósnio de 32 anos, não pôde conter o ceticismo.

– No momento não é possível nem levar um caminhão de alimentos à cidade – disse a Fred –, e você pretende levar um completo tratamento de água? Infra-estrutura?

– Acredite, é possível – respondeu Fred.



1993 *A população de Sarajevo sofria com a falta d'água. Fred e sua equipe localizaram uma antiga rede de canais no subsolo e montaram um sistema de distribuição e tratamento de água*

Lulo assinou como assistente de projeto.

Enquanto o sistema era construído, Fred dedicou-se ao problema da entrega de gás de cozinha em Sarajevo. Um duto de gás natural já atravessava a cidade, mas poucas residências tinham acesso a ele. Fred e seu grupo acrescentaram 30 quilômetros de duto plástico. A população se mobilizou, distribuiu-o pela cidade, e instruiu os moradores a cavar e a remendar a rede. Pela primeira vez, os sarajevos mobilizavam-se para aliviar o próprio sofrimento.

A seguir, Fred e a equipe ofereceram cargas aéreas de sementes vegetais e incentivaram o povo a cultivar pequenas hortas nos terraços e varandas. O tempo todo Fred vivia como os bósnios, dormindo no chão de uma casa em Sarajevo sem água e sem luz. Certa vez os vidros da janela explodiram por causa de um bombardeio.

Finalmente, no fim do outono, o equipamento de água chegou, e Fred secretamente transportou os componentes até o túnel em que foi montado. No final de dezembro, tudo estava no lugar. Mas aí veio um inesperado bloqueio burocrático. Os oficiais de Sarajevo recusavam-se a liberar a água até que dúzias de testes de pureza fossem feitos. Aborrecido com a demora desnecessária que custaria mais vidas, e convencido de que fizera os testes adequados, Fred foi uma noite ao local de bombeamento da água, acompanhado de Lulo e outro engenheiro bósnio. “Vamos liberar a água!”, anunciou.

Convenceu dois guardas de segurança bósnios que tinham as chaves

das válvulas de que era dever cívico ajudá-lo. A água logo começou a jorrar na cidade. Os oficiais imediatamente a fecharam, mas após negociações referentes à pureza, finalmente a liberaram. Na manhã seguinte, os surpresos cidadãos de Sarajevo explodiram de alegria. Os esforços de Fred haviam dado à sofrida população a esperança de que a cidade sobreviveria.

Reverência pela vida

EM JANEIRO DE 1995 Fred visitou a devastada Chechênia, república que se separou da Rússia. Voltou ultrajado com a indiscriminada matança, pelas forças armadas russas, de civis na capital, Grozny.

“Só poupam os velhos, que seguem vivendo em péssimas condições”, disse ele à família, durante uma visita. “Se pudéssemos ter cessar-fogo prolongado, eu tiraria todas aquelas pessoas de lá. Vou voltar e ver o que posso fazer.”

Em 31 de março, ele voltou à Chechênia numa ambulância da Cruz Vermelha cheia de produtos médicos e acompanhado por dois médicos russos, um tradutor de russo e um motorista chechênio. Segundo uma cronologia mais tarde fornecida pela família de Cuny e analisada pelos investigadores, o grupo foi detido por homens armados e mascarados fora de uma pequena cidade *nyan* da Chechênia em 4 de abril. Oito dias depois, foram postos em custódia pelo chefe da Inteligência dos rebeldes combatentes *nyan*.

Logo depois, acredita-se, em 14 de abril, Fred e os três russos foram executados e seus corpos enterrados em local secreto. Embora o motivo per-

maneira desconhecida, os investigadores encontraram evidência de que agentes da KGB espalharam boatos por vilas da Chechênia, de que Fred e os companheiros seriam espiões. Fred tinha 50 anos.

A DECISÃO DE FRED de voltar à Chechênia, apesar de referir-se a ela como “o lugar mais assustador onde já estive”, não surpreendeu os que o conheciam bem. Donald Krumm, que trabalhara com ele como diretor de Operações de Emergência na Agência de Departamento de Estado dos EUA para Programas de Refugiados, descobrira anos antes o que o motivou a voltar.

Numa visita à fazenda de Krumm no leste da Virgínia, Fred conversou com um sobrinho deste de 6 anos, Ben. O garoto colocara vários girinos num pequeno jarro de água. “Sabe”, falou Fred, “eles vão morrer aí.”

Enquanto Krumm ouvia encantado, Fred passou duas horas conversando com Ben. Finalmente, o menino concordou que havia brincado bastan-

te com os girinos e talvez fosse uma boa idéia soltá-los numa lagoa onde pudessem crescer e se tornar sapos.

“Foi quando compreendi”, lembra Krumm. “Fred tinha uma enorme reverência pela vida. Aquela filosofia básica estava por trás de tudo o que fazia.”

FRED LITERALMENTE ajudou a salvar milhões de vidas, no entanto, o sofrimento de multidões não era, para ele, algo sem feições reconhecíveis. Ele preocupava-se com os refugiados e as vítimas de desastres também como indivíduos. Revolucionou a assistência a tragédias. Esteve entre os primeiros a propor o uso de satélites para monitorar enchentes em países em desenvolvimento, a planejar campos de refugiados como comunidades e a ver oportunidades de desenvolvimento econômico em desastres como possibilidades de desenvolvimento a longo prazo.

Sabia que podia, e devia, fazer diferença no mundo, diz Donald Krumm. E fez.



Um alce em apuros

DEPOIS DE UM FIM DE SEMANA prolongado, meu colega e eu fomos enviados pelo departamento de manutenção de estradas de rodagem de Alberta para restaurar as placas de sinalização da estrada, que vândalos tinham derrubado numa região florestal. A primeira que restauramos foi um símbolo sinalizando a travessia de alces. Seguimos pela estrada por uns 300 metros para restaurar a placa seguinte e, olhando para trás, vimos um alce macho atravessando a estrada correndo.

Meu colega virou-se para mim e comentou:

– Há quanto tempo ele estaria esperando para atravessar?